

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
2 de março de 2022

CASA FLUTUANTE / 2020

um filme de José Nascimento

Realizador: José Nascimento / **Argumento:** Ana Pissarra, José Nascimento / **Director de Fotografia:** Aurélio Vasques / **Música Original:** Flak / **Director de Som:** Vasco Pedroso / **Montagem:** Ana Pissarra, José Nascimento / **Directora de Arte:** Ana Pissarra / **Dobragens:** Miguel Cabral / **Tradução:** Pedro Gorman / **Misturas:** Carlos Jorge Vales, Guilherme Vales / **Guarda-Roupa:** Patrícia Dória / **Elenco:** Carolina Virguez (Araci), Inês Pires Tavares (Joana), Bernardo Mayer (Xavier), Carla Maciel (Adriana), Vítor Norte (Inácio), Gustavo Sumpta (Leo), Guilhermina Bento (Adelaide), Eva Duarte (Isa), Manuel Passinhas (Antunes), Odete Palma (Amândia), Lurdes Ruas (Acordeonista), Melissa Matos (Joana, com 6 Anos), Tomás Sousa (Xavier, com 6 Anos), Carlos Melo (Motorista).

Produtoras: Take 2000, Panda Filmes (Portugal, Brasil) / **Produtor:** José Mazedo / **Co-produtores:** Beto Rodrigues, Tatiana Sager / **Director de Produção:** João Santana / **Coordenadora de Produção:** Carolina Correia Mendes / **Chefe de Produção:** Adelaide Megre / **Cópia:** dcp, cor, 110 minutos / **Primeira apresentação em Portugal.**

Com a presença de José Nascimento e dos atores

O argumento CASA FLUTUANTE escrito com Ana Pissarra, nasceu de várias confluências temáticas, como a *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira e foi um longo processo de investigação em torno de uma personagem com identidade ligada a uma relação íntima com o rio. Inspirada na avieira que conhecemos em 2017, Margarida nasceu e cresceu dentro de um barco nas margens do Tejo e manteve com o rio uma relação de sessenta anos que se transformou quando as câmaras do Ribatejo desalojaram os avieiros e destruíram as casas palafitas ribeirinhas.

A cultura avieira tem um forte paralelismo com os povos indígenas que habitam as margens do rio Amazonas e foi desta confluência que nasceu a personagem Araci, índia e emigrante, um corpo deslocado com quem o português Inácio construiu um lar nas margens do Tejo, na primeira versão e depois no Guadiana na versão final.

Araci reinventa à sua volta um microcosmo onírico onde verá crescer a neta Joana mas que lhe fecha o futuro. Se por um lado a herança cultural que lhe transmite não a integra na comunidade alentejana, por outro, o rio já não tem peixe e a permanência da casa flutuante na água vai ser ameaçada pelo poder local.

A chegada de uma terceira personagem, Xavier, que emigrou com os pais para a Alemanha e que regressa à procura das raízes familiares, vai fazer emergir o conflito de Joana.

Também o romance *A Jangada* de Jules Verne sobre a Amazónia expõe um *continuum* de destruição da floresta Amazónica do séc. XIX ao XXI, e revela a personagem Minha, neta de um fazendeiro colonialista português, com quem Joana se idealiza nos sonhos.

A região de Mértola pareceu-nos o lugar ideal para fazer o filme: tínhamos o rio e as azenhas, locais ideais para estabelecermos a casa flutuante de madeira - universo identitário de Araci; a casa abandonada de Inácio e as minas de S. Domingos, onde ele tinha trabalhado antes de emigrar e a casa senhorial mandada construir por um emigrante brasileiro, que serviria de décor à personagem de Adriana e que hoje faz parte do património municipal.

Para dar corpo à personagem de Araci, veio do Brasil a Carolina Virguéz, atriz premiada pela Associação dos Produtores de Teatro, cuja inteligência e sensibilidade criou de imediato uma cumplicidade inspiradora para muitas das cenas do filme e que se estendeu de forma contagiante sobretudo aos actores mais jovens, a Inês Pires Tavares e o Bernardo Mayer. Depois, a Carla Maciel, que deu corpo à personagem de Adriana com grande generosidade e mestria e o Vítor Norte, com quem já tinha trabalhado em *Tarde Demais* e *Lobos*. Finalmente o Gustavo Sumpsta, também ele vindo do filme *Tarde Demais*, que aqui representa a personagem de Leo, um pescador.

Depois tive apoios fundamentais: a Ana Pissarra na direcção de Arte, o João Santana na direcção de Produção, o Aurélio Vasques na Fotografia, o Flak na Música e obviamente toda a equipa que constitui a base que permitiu que o filme fosse rodado em poucas semanas, organizado quase totalmente em planos fixos, de forma a respeitar o mapa de trabalho. Com o José Mazedo, todo o processo que culmina hoje com a apresentação do filme.

Para as cenas na Amazónia, tínhamos inicialmente centrado a pesquisa na comunidade Ticuna, mas depois das políticas de Bolsonaro a comunidade indígena recusou-se a receber a equipa de filmagens, como forma de protesto político e de resistência.

Com o apoio da FUNAI, abandonámos a ideia de filmar no norte do Brasil e descemos para Cruzeiro do Sul, no Acre, terra dos Puyanawa, comunidade que procura recuperar a sua cultura e identidade, destruídas desde os primórdios do séc. XX, após terem sido expropriados por um Coronel proprietário do Seringal Barão do Rio Branco e escravizados na extração de borracha.

Em Rio Branco encontrámos várias áreas de floresta queimada, que foram décor do filme. No avião de regresso a Brasília confirmámos a existência de várias frentes de fogo no meio do verde - a floresta não pára de arder...

CASA FLUTUANTE é dedicado à Floresta Amazónica, às comunidades indígenas que lutam pela sua preservação e a todos que com ela mantêm uma relação de amor.

José Nascimento